

## HANNAH ARENDT: TOTALITARISMO E DIGNIDADE HUMANA\*

### *Hannah Arendt: Totalitarianism and Human Dignity*

Sônia Maria Schio<sup>1</sup>

**Resumo:** Hannah Arendt (1906-1975) é conhecida como sendo uma pensadora da política. Nesse sentido, pode-se questionar no que ela poderia contribuir para a reflexão em outras áreas, por exemplo, a jurídica, posto que ela não teorizou explicitamente a lei, a justiça, o direito, entre outros temas desta área. Arendt, ao investigar as origens dos Sistemas Totalitários, o Nazista, em especial, percebeu que a Constituição de Weimar (1919) não foi revogada nem respeitada, e os resultados disso são bastante conhecidos. Entretanto, esse momento histórico não está isolado no tempo e no espaço. A hipótese a ser desenvolvida, então, é a de que os precedentes encontram-se na Modernidade (séc. XVII), na qual os conceitos de pessoa tem relação com o de humano e de sua dignidade.

**Palavras-chave:** Arendt; Política; Direito; Totalitarismo; Dignidade Humana.

**Abstract:** Hannah Arendt (1906-1975) is known as a political thinker. For this reason, is possible to discuss her contribution to the debate in other areas of knowledge. For example, her thought has influenced law studies, even she has not specifically theorized about law, rights and justice, among other law subjects. In her investigation about the origins of Totalitarian system, Arendt realized that the Weimar Constitution (1919) was not revoked or respected by the Nazism. However, the totalitarianism was not an event situated in a particularly time and space. The paper argues that the precedents, which enable the totalitarianism to take place, are in Modernity (XVII century), when the concept of person relates to humanity and dignity.

**Keywords:** Arendt; Politics; Rights; Totalitarianism; Human Dignity.

Antes de adentrar no texto, duas observações se fazem necessárias. A primeira refere-se aos objetivos do presente artigo, o qual foi elaborado e apresentado para os alunos da Graduação em Direito, muitos dos quais ainda não haviam sequer ouvido falar de Hannah Arendt e de suas acepções, seu interesse pelo ser humano, pela política. Por esse motivo, esta exposição objetivou apresentar, contextualizar e motivar os estudantes à leitura sobre os conteúdos expostos. Isso porque o pensamento arendtiano, por tratar da política<sup>2</sup>, exige aportes de outras áreas, sejam elas da área científica, como a História, a Sociologia, a Economia, o Direito, sejam da denominada cultura, como da literatura, por

---

\* A primeira versão deste texto foi apresentada na Semana Acadêmica do Curso de Direito da UCPel - Universidade Católica de Pelotas, em agosto de 2014. Os dois primeiros parágrafos, em adendo, datam de fevereiro de 2015.

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia/UFPEL.

<sup>2</sup> A política, neste momento, está sendo entendida a partir do conceito arendtiano: organização dos seres humanos em conjunto, sem referir-se, em um primeiro momentos, aos partidos políticos, à administração pública, etc., como o faz a linguagem coloquial.

exemplo. E esse conjunto de saberes e de reflexões precisam ser conhecidos pelas pessoas em geral, os universitários, em especial. Nesse viés, o tema abordado é de interesse do humano, e ainda mais de futuros professores, gestores do Direito e da Justiça Brasileiros, entre vários outros para que a dignidade humana, seja na lei, seja no cotidiano, fique garantida.

A segunda menção alude aos "70 anos do Final da Segunda Guerra Mundial" (1939-1945), momento que merece um instante de silêncio e de reflexão. Isso porque, mesmo passados tantos anos, é difícil lembrar, porque fogem à compreensão, fatos ocorridos nesse conflito, em especial, os campos de concentração compostos por civis de todas as idades, sexos, nacionalidades, etnias, religiões, muitos dos quais (a maioria) foram mortos como se não fossem humanos, como supérfluos, em "fábricas de morte", isto é, em locais construídos para tal finalidade. E Arendt, a partir de seus estudos, mas também de suas vivências como pessoa, judia, alemã e apátrida (1933-1951), questionou e buscou compreender<sup>3</sup> o ocorrido, lembrando a cada ser humano o seu valor e a sua responsabilidade para que no futuro fatos como aqueles não voltem a ocorrer.

No verão norte-americano de 1950, Arendt escreveu:

Já não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e chamá-lo de nossa herança, deixar o mau de lado e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento. A corrente subterrânea da história ocidental veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição<sup>[4]</sup>. Esta é a realidade em que vivemos. É por isso que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblivio<sup>[5]</sup> de um futuro melhor, são vão<sup>6</sup>.

Esse é o sentimento de Arendt quando ela se refere ao Nazismo (1933-1945) e à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Pode-se perguntar, então, por que isso ocorre, tendo em vista que os governos autoritários, injustos, violentos estão presentes, infeliz e constantemente, na História Humana, assim como os conflitos, as guerras, a violência e a

---

<sup>3</sup> Arendt colocou o "compreender" como meta para si mesma, não com o objetivo de perdoar ou esquecer o que ocorreu (pois, para ela, apenas se pode afirmar que tais fatos não deveriam ter acontecido), porém, como eles pertencem à realidade, é preciso "reconciliar-se" com o sucedido e continuar a agir, a viver consigo e com os outros, nesse mundo.

<sup>4</sup> A "tradição" possui o sentido de conjunto de saberes que o ser humano possui, formais ou não, como o científico, o cultural, o religioso, o filosófico e o de senso comum.

<sup>5</sup> Oblívio: Ação ou efeito de esquecer; perda de memória; esquecimento. Figurado. Condição do que ou de quem se encontra em repouso; descanso ou adormecimento. Disponível em <http://www.dicio.com.br/oblivio>. Acesso em 18/08/2014.

<sup>6</sup> ARENDT, Prefácio da obra *Origens do Totalitarismo*, p.13.

morte. Entretanto, não se pode atribuir tais acontecimentos apenas ao fato de que ela vivenciou o Regime Nazista desde o seu início, pessoalmente até 1933, na Alemanha, e até 1941, na França, acompanhando, após, dos Estados Unidos o desenrolar dos eventos, e de onde soube da existência dos campos de concentração e de extermínio. Surge, assim, a questão: "O que o Totalitarismo apresentou de novidade para que Arendt o considerasse 'extremo' e singular?".

### I) O nazismo:

O Totalitarismo, em seu termo de origem, "total", demonstra que esse Regime objetivou a controlar de forma completa as pessoas: apenas o Führer era livre, podendo pensar e agir<sup>7</sup>. Os outros, ou obedeciam cegamente, como sonâmbulos ou autômatos, ou eram eliminados, e isso incluía até os que eram mais próximos do próprio Hitler. Em outros termos, as esferas pública e privada foram eliminadas: o Estado controlava cada um dos indivíduos no tocante ao que faziam, dentro e fora de suas casas, pois eram vigiados pelos vizinhos, colegas, parentes, amigos, até cônjuges e filhos. Sua árvore genealógica também era investigada. Os casamentos mistos foram proibidos. As pessoas foram obrigadas a indicar sua procedência nas roupas, e assim, eram proibidas de frequentar lugares. Muitos foram alijados de seus trabalhos, afastados de suas profissões.<sup>8</sup> Vieram, após as prisões, as deportações, os campos de internamento e de extermínio, as "fábricas de morte", verdadeiras indústrias racionalmente calculadas e preparadas para produzir cadáveres em série.

Nesse contexto, é interessante lembrar que a Constituição de Weimar, elaborada após o final da Primeira Guerra Mundial, isto é, em 1919, quando, após o final da guerra, em 1918, a Alemanha tornou-se uma república, não foi extinta pelo Regime erigido em 1933. A Constituição existia, mas não era respeitada, pois os decretos do Führer eram considerados com "força de lei", mesmo que isso abalasse a estabilidade jurídica do país.

---

<sup>7</sup> O tema é exposto por Arendt na obra *Origens do Totalitarismo* (1951), e uma introdução ao mesmo pode ser encontrada em Schio (2012).

<sup>8</sup> Recorde-se que "casamentos mistos" foi a denominação para os enlaces entre um "comprovado alemão", pelo estudo de seus antecedentes familiares, e um "não-alemão", um judeu, por exemplo. A indicação da etnia, religião ou outra foi realizada por meio de uso de um triângulo ou de uma estrela pregada, e bem visível, na roupa. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulos\\_do\\_Holocausto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulos_do_Holocausto)>. Acesso em 18/02/2015. Assim, alguns estabelecimentos comerciais, e mesmo escolas, foram proibidos a eles. Mesmo professores universitários foram afastados de seus cargos, ou aposentados. Um exemplo muito conhecido foi o de Edmund Husserl que, em 1933 e estando aposentado desde 1928, foi proibido de utilizar a Biblioteca da Universidade.

Para manter o sistema vigindo, em pleno funcionamento, outros elementos foram utilizados, como a propaganda organizada, a "mentira política", a polícia secreta, a censura, e assim foi mantido o *status quo*, mesmo que em uma atmosfera cambiante, como em um sonho. Ou seja, até 1945, a Alemanha viveu em uma espécie de "estado de exceção", como o explica Agamben (2004). Esse fato colocou em questão a proteção que as pessoas esperam da lei, momento em que o pensamento de Arendt é profícuo: apenas com uma política autêntica é possível preservar a vida humana, sua estabilidade e dignidade.

A pergunta, então, que Arendt fez, e que até hoje não recebeu uma resposta suficientemente satisfatória é: por que muitos alemães aceitaram tal situação? (pode-se estender tal pergunta para outras nacionalidades, incluindo a brasileira) Isto é, por que compactuaram com tais crenças e atitudes? Por que permitiam que fossem invertidos mandamentos imemoriais como o respeito à vida, ao outro ser humano? A resposta que aponta para as ideologias (após escrever *Origens do Totalitarismo*, Arendt reduziu, e muito, a importância tanto da ideologia quando da propaganda no Regime Nazista), os fanatismos (por exemplo, ódio aos judeus, medo dos comunistas), sequer por guerras (o Tratado de Versalhes, que "selou a paz", findando a Primeira Guerra Mundial) ou crises econômicas (como a de 1929) não são suficientes. Em outros termos, uma tal degradação deve ter suas origens, suas "raízes", e não apenas as causas, em momentos mais longínquos, e que precisam ser investigados para que se possa compreendê-los e evitar sua repetição.

Para Arendt, como resultando de suas extensas pesquisas, reflexões e discussões, as origens encontram-se na Modernidade Ocidental, a partir do séc. XVII, como desdobramentos de eventos anteriores, e resumidos em grandes linhas:<sup>9</sup>

- 1) as Cruzadas, que iniciaram no séc. XI,
- 2) a Renascença, após o séc. XII-XV, com o questionamento e a substituição de muitas crenças;
- 3) as Grandes Navegações, com o reconhecimento de outras terras, produtos, pessoas e rotas comerciais.

---

<sup>9</sup> Arendt expôs esse conteúdo na obra *A condição humana* (1958), em especial no cap. VI: *A vida activa e a Era Moderna*.

4) a Reforma (séc. XVI), a qual consolidou várias alterações na mentalidade religiosa, evidenciando o descontentamento com o Alto Clero e o Papado Romano, assim como o ensejo de retornar ao Cristianismo primitivo, demonstrado, em especial, pelas revoltas camponesas.

5) o crescimento das cidades e da população.

6) a ampliação do comércio, a mecanização e a necessidade de ampliação da produção, com a organização dos trabalhadores, momento em que o artesanato foi substituído pela fábrica.

7) as inovações no conhecimento e nas técnicas (revoluções científicas).

8) As novas ideias surgidas nesse novo contexto, tanto para fundamentar o novo momento como para compreendê-lo (Racionalismo, Empirismo, Iluminismo).

## II) O surgimento da "sociedade"

A partir desses eventos e de seus desdobramentos, pode-se perceber que surgiu, na Europa Ocidental, um contexto diferente do vivido na Antiguidade e na Medievalidade, o qual precisou ser organizado, mas também compreendido (teorizado). E um “novo” conceito de homem se tornou necessário, pois os anteriores tornaram-se insuficientes. Em outros termos, aquele entendimento sobre o humano de que um ou alguns comandavam e o restante obedecia, ou como subordinado ou como escravo – Antiguidade Oriental ou Grega e Romana –; ou com alguns que tinham o poder religioso e/ou secular e os outros, normalmente analfabetos, viviam em grupos de afinidades – como as corporações o demonstram –, ou outros, tornaram-se suplantados pela realidade. Ou seja, não serviam mais para esta época na qual a crescente demanda de produtos exigia uma maior produção, e esta, sempre crescente, pelo uso de máquinas e de trabalhadores organizados no espaço da fábrica e com uma longa jornada de trabalho, exigia sempre novos mercados, tornando-se circular<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Arendt denomina o ser humano deste período de "*homo faber*", aquele que fabrica (Cf. *A condição humana*, cap. IV, em especial. O "novo" grupo social que surgiu nesse período foi denominado por Arendt

A vida das pessoas que trabalhavam foi reorganizada: as famílias saíram do campo e, sem recursos, se dispersaram na busca de trabalho, de sustento. A cidade apresentava maiores oportunidades, mas havia concorrência, individualismo, gerando medo.<sup>11</sup> A sociedade a que Arendt alude não é a *societas* romana, o conjunto de cidadãos, mas o aglomerado de pessoas que habitam um mesmo local, a cidade, sem sentir qualquer interesse em comum que não aluda ao sobreviver, ou que esteja relacionado ao trabalho.<sup>12</sup>

Nessa situação, existiam muitos deveres e poucos direitos, muitas doenças e dificuldades. E os conflitos não tardaram: revoltas, epidemias, etc. Aqueles homens, os "empreendedores", que tornaram-se ricos, denominados mais tarde de "burgueses", passaram a exigir poder político, além do financeiro. A legislação se tornou necessária, mas, financiada pelo dinheiro do comércio e da indústria, passou a defender os interesses desses. Apenas como exemplo, pode-se citar a autora quando afirma: "Todo homem e todo pensamento que não é útil, e não se conforma ao objetivo final de uma máquina cujo único fim é a geração e o acúmulo de poder [econômico], é um estorvo perigoso"<sup>13</sup>. Ou ainda, quando escreve que, neste período

O homem é essencialmente uma função da sociedade e é, portanto, julgado de acordo com seu valor "valor ou merecimento [...] seu preço; ou seja, aquilo que se lhe daria pelo uso de sua força." Esse preço é constantemente avaliado e reavaliado pela sociedade, fonte da "estima dos outros", de acordo com a oferta e a procura<sup>14</sup>.

Para que fosse mantida a situação, a violência na vida cotidiana passou a ocorrer de forma institucionalizada. Arendt afirma:

---

de "boa sociedade" (Cf. artigo "Crise na cultura: sua importância social e política" da obra *Entre o passado e o futuro*).

<sup>11</sup> Nesse momento é oportuno assinalar que "propriedade" não é obrigatoriamente sinônimo de riqueza. ao contrário, a propriedade é imprescindível à vida humana, o que não ocorre com a riqueza. A riqueza, segundo Arendt (*Origens do Totalitarismo*, p.172) é um "processo interminável de acúmulo de propriedade [e] estava [e está sempre] a ponto de eliminar toda segurança individual". Por isso, "o processo ilimitado de acúmulo de capital necessita de uma estrutura política de 'poder ilimitado' que possa proteger a propriedade crescente, tornando-a cada vez mais poderosa". Cfr. ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.172.

<sup>12</sup> O termo "sociedade" vem do latim: *societas*, que significa "associação amistosa com os outros", sendo, então, o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade>>. Acesso em 19/02/2015. Arendt, porém, distingue a sociedade e a comunidade: a primeira é o resultado das alterações ocorridas na Modernidade. A segunda, isto é, a comunidade mantém as características da *societas* romana. A sociedade moderna é individualista, com concorrência entre seus componentes, que não se conhecem e, assim, não acalentam propósitos e interesses em comum. Uma caracterização mais completa é encontrada em Schio (2008 e 2012).

<sup>13</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.174.

<sup>14</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.169.

Mas a resultante introdução da força como único conteúdo da política, e da expansão como o seu único objetivo [...] [corresponderam] de modo perfeito aos desejos ocultos e às convicções secretas das classes social e economicamente dominantes<sup>15</sup>.

No final do séc. XIX, pode-se perceber alterações nos acontecimentos, pois “os donos do capital supérfluo foram o primeiro segmento dessa classe a desejar lucros sem exercer qualquer função social verdadeira”<sup>16</sup>. Para tanto, eles quiseram e conseguiram que

O governo protegesse os seus investimentos (depois que a fase inicial de falcaturas lhes abriu os olhos para o possível uso da política contra o risco do jogo [isto é, de seus negócios privados]). Nessa exigência seguiram as tradições estabelecidas da sociedade burguesa de sempre considerar as instituições políticas exclusivamente como instrumento de proteção da propriedade individual<sup>17</sup>.

Se, em um primeiro momento parecer que Arendt exagera em sua análise, cabe lembrar os acontecimentos durante as duas Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945): a primeira, foi uma "carnificina" e um laboratório de experimentação de armas. Por exemplo, o uso de aviões e o de gás letal. Na segunda, pela destruição de cidades inteiras, com bombas de fósforo, atômicas, os campos de concentração japoneses, soviéticos e nazistas, os quais, junto ao conflito bélico, elevou o número de mortos a muitos milhões. E isso ocorreu porque houve antecedentes, e o mais próximo cronologicamente foi o "Imperialismo" (1884 e 1914)<sup>18</sup>. E neste, segundo ela, o “pecado original”<sup>19</sup> da burguesia é o “roubo”, e este “requeria novos pecados para manter o sistema em funcionamento”, momento em que essa burguesia foi “persuadida” “a abandonar as coibições da tradição ocidental” e “a arrancar a máscara de hipocrisia”<sup>20</sup>. A culminância ocorreu, como a História narra, nas duas guerras mundiais, na Depressão Econômica de 1929, mas, também, no advento da “sociedade da massa”, respaldo dos Sistemas Totalitários, e que, portanto, os antecede no tempo<sup>21</sup>.

<sup>15</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.168.

<sup>16</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.179.

<sup>17</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.179.

<sup>18</sup> Este tema foi amplamente desenvolvido por Arendt na obra *Origens do Totalitarismo* que recebeu a denominação de "Imperialismo" (segunda parte).

<sup>19</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.178.

<sup>20</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.185-186.

<sup>21</sup> Arendt abordou esse complexo tema na terceira parte de *Origens do totalitarismo: o Totalitarismo*. Este "homem da massa" Arendt denominou de *animal laborans*, um ser que centra sua vida na existência biológica, cíclica, do sentir carências e as satisfazer. Por isso ele vive no nível do "social", das preocupações com a sobrevivência, posto que as esferas pública e privada foram envolvidas e obscurecidas pelas preocupações sociais, ou "esfera social".

A "sociedade da massa" é composta por pessoas das mais variadas origens, seja econômica, étnica, cultural, etc., que normalmente habitam as cidades. Arendt explica que nessa época, isto é, no início do século XX, "a sociedade incorporou todos os extratos da população"<sup>22</sup>. Em outros termos, as diferenças entre os indivíduos foi contornada pelo fato de sua situação geográfica, como se formassem um único grupo homogêneo, sem especificidades ou interesses divergentes, e que uma "harmonia social" fosse possível. Com isso, ela o caracteriza pela "sua solidão - e solidão não é nem isolamento nem estar desacompanhado - a despeito de sua adaptabilidade e falta de padrões, sua capacidade de consumo aliada à inaptidão para julgar e mesmo para distinguir e, sobretudo, seu egocentrismo e sua fatídica alienação do mundo"<sup>23</sup>. Nesse contexto, cada um passa a ser como um átomo do grande todo: ao mesmo tempo que isolado, pressionado pelos outros, sendo levado para uma vivência interior<sup>24</sup>. Externamente, essas pessoas têm uma vida com comportamentos previamente definidos, sem ação<sup>25</sup>, apenas com atitudes padronizadas.

Como exemplo do resultado dessa situação, pode-se citar o que Arendt escreveu na obra *Compreender*<sup>26</sup>:

preocupado principalmente com sua segurança, [o indivíduo do séc. XX] se transformou, sob a pressão das condições econômicas caóticas de nossos tempos [isto é, o período entre guerras, 1919-1939, em um ] [...] tipo de homem [que], para defender a sua aposentadoria, o seguro de vida, a segurança da esposa e dos filhos, se disporia a sacrificar suas convicções, sua honra e sua dignidade humana. Foi necessário apenas que o gênio satânico de Himmler<sup>[27]</sup> descobrisse que, após sua degradação, ele estava totalmente preparado para fazer qualquer coisa depois de entregar o que tinha [...]. A única condição que ele apresentava era ficar totalmente isento da responsabilidade por seus atos.

<sup>22</sup> ARENDT, *Entre o Passado e o Futuro*, p.252.

<sup>23</sup> ARENDT, *Entre o Passado e o Futuro*, p.250-251.

<sup>24</sup> Em Vetö (1989 - *Coerência e terror*: introdução à filosofia política de Hannah Arendt) encontra-se uma esclarecedora explicação sobre esse tema, incluindo uma referente à "mentira política".

<sup>25</sup> O tema da "ação" no pensamento de Arendt é fundamental. À ação contrapõe-se o comportamento. Para maiores esclarecimentos, consulte-se Arendt (1991), Schio (2012) e Calvet (2011).

<sup>26</sup> ARENDT, *Compreender*, p.157.

<sup>27</sup> Heinrich Luitpold Himmler (Munique, 7 de outubro de 1900 - Lüneburg, 23 de maio de 1945) foi um Reichsführer das Schutzstaffel (comandante militar da SS), e um dos principais líderes do Partido Nazista (NSDAP) da Alemanha até 1945. Posteriormente, Adolf Hitler nomeou-o Comandante do Exército de Reserva e General Plenipotenciário para toda a administração do Reich (Generalbevollmächtigter für die Verwaltung). Himmler foi um dos homens mais poderosos da Alemanha Nazista, e um dos principais responsáveis diretos pelas "fábricas de morte".

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Heinrich\\_Himmler](http://pt.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Himmler), acesso em 20/02/2015>



### III) A defesa do ser humano

A necessidade de proteção das pessoas, indivíduos e grupos, não foi um "fato novo", restrito ao século XX. E está explícita, como História o registra, com a Declaração dos Direitos do homem e do cidadão (França, 26/ago/1789). Entretanto, para Arendt, os Direitos do Homem são expostos de forma vaga, abstrata, o que os torna sem efetividade. Esse tema tem sido muito discutido, investigado e publicado, em especial após a Segunda Guerra Mundial, sem, porém, obter um consenso mínimo que realmente proteja o humano. Alguns exemplos atuais que a mídia mais expõe: a Síria e a Líbia, gerando inúmeros refugiados, perdas humanas e materiais, e a Ucrânia, conflito que tem-se mostrado de difícil solução. E isso porque as mesmas perguntas retornam: o que é o homem, ou ser humano, a sua natureza, as características básicas, e etc., e nenhuma resposta mais consistente tem sido encontrada para que a Humanidade possa realmente viver em paz.

Em contrapartida, com relação ao "cidadão", o habitante da *civitas*, o mesmo não ocorre porque ele está situado em um território, a cidade, ou mais recentemente na nação ou país. O que é preciso evitar é a perda, a extinção de sua cidadania, do direito ao pertencimento a um grupo humano organizado, com direitos e deveres. O ser humano, isolado ou em grupo, não pode tornar-se apátrida, refugiado, sem algum país, ou governo, ou constituição em que se insira e que o proteja. É neste sentido que Arendt afirma que os Direitos Humanos apenas serão eficazes quando forem menos abstratos, com a definição de quem os defenderá, com quais sanções, e assim por diante. Do contrário, basta banir alguém de um país para que se torne passível de tornar-se supérfluo, "lixo humano", descartável e necessitando de soluções que não prejudiquem a sociedade vigente (campos de internamento, de concentração, de extermínio). E o exemplo, mais uma vez, é o ocorrido durante o período do Nazismo.

### A dignidade humana

De modo geral, para Arendt, o homem é digno por nascer humano, e continua merecedor de respeito ao participar da vida humana com suas decisões e ações, ou seja, vivendo politicamente. A liberdade humana, nesse viés, é imprescindível, e apenas será

preservada por meio do agir humano que tenha esse objetivo. Arendt,<sup>28</sup> ainda na obra *Origens do Totalitarismo* afirma que

Permanecendo intacta a dignidade humana, é a tragédia, e não o absurdo, que é vista como a marca característica da existência humana. O maior expoente desta opinião é Kant, para quem a espontaneidade da ação e as concomitantes faculdades da razão prática, inclusive o poder de discernir, são ainda as principais qualidades do homem, muito embora a ação esteja sujeita ao determinismo das leis naturais e o discernimento não consiga penetrar o segredo da realidade absoluta (o *Ding an sich*).

Para Arendt, então, “a dignidade do homem exige que ele seja visto (cada um de nós, em sua singularidade) em sua particularidade e, como tal, refletindo a humanidade em geral”<sup>29</sup>, e não como um componente informe e desconhecido, um simples componente da “massa”, um número ou código. E ainda, “a ideia de humanidade, cujo símbolo mais convincente é a origem comum da espécie humana”<sup>30</sup>, ou na afirmação de que, o “princípio sobre o qual se constroem as organizações nacionais de povos – o princípio de igualdade e solidariedade de todos os povos, garantido pela ideia de humanidade”<sup>31</sup>, são exemplos de suas acepções.

Nesse sentido, a dignidade humana que acompanha o ser desde o nascimento, apenas pode ser mantida com a vida política ativa. É neste sentido que ela afirma, em vários de seus escritos (por exemplo, *n'A condição Humana*, “A crise na Educação”, na obra *Entre o Passado e o Futuro*, em especial) que a “natalidade” é um importante componente da política. E isso ocorre porque o nascimento de um ser é um novo início, ou seja, é o surgimento de novas possibilidades a partir de um outro ser humano no mundo, resultado da ação dos pais; e porque é ele é um ser humano único, sem igual no mundo<sup>32</sup>, não pré-programado ou pré-determinado: ele pode, por ser livre, preservar ou destruir. Ser humano, então, é possuir igualdade de direitos, de humanidade, de dignidade, mas também de responsabilidade (ética)<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, nota 75, p. 247.

<sup>29</sup> ARENDT, *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, p.99.

<sup>30</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.187.

<sup>31</sup> ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p.91.

<sup>32</sup> O mundo, para Arendt, é diferente da *physis*, do mundo físico, porque é um artifício humano, elaborado pelo homem para facilitar sua vida no entorno natural. Após sua elaboração, ele torna-se dependente daquilo que elaborou, como se ele desde sempre existisse (Cf. *A condição humana*).

<sup>33</sup> Arendt, junto à Tradição de Pensamento Ocidental, distingue a moral da ética: a primeira é o conjunto de hábitos, costumes, regras, leis, impostos, ensinados, esperados, exigidos por grupos sociais (desde a família até o Estado). A ética, por seu turno, é a reflexão, o julgamento, sobre a moral.

Arendt, então, entende que os seres humanos são os únicos capazes de manter a dignidade humana, mas que para tanto precisam estar juntos com este objetivo, de preservar o humano, por meio do respeito por si, pelo outro e pelo entorno, seja animado ou não.

### Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo - antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARENDT, Hannah. “A crise na cultura: sua importância social e política e Crise na Educação”. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.

ARENDT, Hannah. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. São Paulo: Cia das Letras/Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

CALVET DE MAGALHÃES, Theresa. “Ação e Pensamento em Hannah Arendt”. In: *Filosofia do Direito e o Tempo: Estudos em Homenagem ao Prof. Nuno M. M. S. Coelho*. Cleyson de Moraes Mello e Luciana Maciel Braga (Orgs.) Juiz de Fora: Editar, 2011. (25-30)

SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: a estética e a política (do juízo estético ao juízo político)”. *Tese de doutorado*, Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão)*, Porto Alegre: Clarinete, 2012a.

SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: memória e identidade nos Totalitarismos do séc. XX”. In: SCHIO, S. M.; KUSKOSKI, M. S. (orgs.). *Hannah Arendt: pluralidade, mundo e política*. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012b, p.189-198.

VETÖ, Miklos. “Coerência e terror: introdução à filosofia política de Hannah Arendt”. In: *Filosofia Política 5*. Porto Alegre/São Paulo: L&PM, 1989, p.68-100.

**Recebido em: 10/08/2015**

**Aceito em: 18/08/2015**